
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 13 – Falecimento de minha Esposa

	Página
1 – Versão do Vovô Zotinho	2
2 – Versão da Tigró	4
3 – Versão de José Arimathéia Negreiros	8

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho e Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões , comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 –Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 13 – Falecimento de minha Esposa

1 – VERSÃO DO VOVÔ ZOTINHO:

Eu, como já disse, ia sempre no Carmo. Ficava lá com as minhas duas filhas Glorinha e Zuza. Nos sábados voltava a Pouso Alto para ver a velha e assistir a missa do domingo.

Uma semana, numa quinta feira, com muitos camaradas roçando o pasto, levantei cedo com o pressentimento de que a Maria estava mal. Falei com as meninas:

- Tomam conta dos camaradas que eu vou à Pouso Alto.

Tomei o trem das 9 horas e fui. Chegando lá encontrei, como sempre, minha velha na cama e muito fraca. Ela me disse baixinho:

- Já terminei as minhas 9 sexta-feiras e os 7 domingos de São José.

Este ela fazia desde menina. E continuou:

- Eu já estou pronta para o que Deus quiser.

Ela continuou com seu terço na mão e disse:

- Desde ontem que não termino de rezar o terço. Reza para mim que eu escuto.

Ela não pôde nem responder a Santa Maria. Passou o resto do dia sem alimentar-se, apenas tomando remédios. Dr. José Paiva tinha passado na véspera e deixados os remédios. Alaíde me disse:

- Já telefonei ao Padre Zé dizendo que mamãe está mal. Ele disse que vem depois de amanhã.

Na noite de quinta feira Alaíde pôs minha cama no quarto de fora. Ela, Bebé e Donana, a irmã caçula da Maria, com seus 18 filhos e marido, não saía de perto da Maria um só instante. Maria passou a noite de quinta feira sem incomodar ninguém. No outro dia, cedinho, levantei e fui ao quarto dela. Ela estava sentada na cama com a cabeça baixa. Eu cheguei, a segurei chamando pelo nome, ela não respondeu. Quis suspender a cabeça, mas não conseguiu. Com a boca aberta, cansada, disse baixinho:

- Meu Jesús, misericórdia!

Vieram as mulheres e nós a deitamos.

Padre Paulo tinha viajado. Alaíde então correu no telefone e chamou, em São Lourenço, o Frei Filóteo, que em meia hora estava com a comunhão na cabeceira da cama dela.

O quarto estava cheio de gente. Frei Filóteo ajoelhou-se, tomou o rosto dela e disse:

- É o Frei Filóteo que está aqui vózinha, trouxe-lhe o Cristo Vivo, você quer comungar vovó?

Com muita dificuldade ela esticou um pouco a língua. Frei Filóteo começou a rezar e disse:

- Quer sim não é?

E deu-lhe a comunhão, que ela engoliu com muita dificuldade, ajudada com um pouco d'água. Quase todos que assistiram a cena choraram de emoção. Eu pensei nas palavras de Cristo:

- Vinde a mim e eu vos aliviarei. E quem O procura na vida O acha na hora da morte.

Minha esposa tinha a devoção da novena de sexta-feira e foi levada para a Mansão Celeste numa tarde de sexta feira. Comungou cedo e morreu à tarde. Ainda teve mais uma graça antes de morrer. Seu filho padre só viria no sábado, veio sexta feira para São Lourenço. Frei Filóteo quando voltava daqui, passou na Carmita e disse:

- A Maria está mal, muito mal.

Padre Zé tomou um carro imediatamente e veio. Chegando, foi logo para o quarto, sentou-se na beira da cama dela, tomou suas mãos. Ela fez um ar alegre.

Então a Alaíde falou:

- Zé, põe a vela na mão dela, que ela está morrendo.

O Padre pôs a vela e rezou a oração da boa morte. Ela segurou a vela, parou a canseira, morreu como um passarinho. Eu pensei:

- A morte de um justo é principio de vida eterna. Morreu como ela queria, como Santo Antonio, sem pecado, sem dinheiro e sem dívidas.

Alaíde telefonou para Belo Horizonte avisando que o enterro seria no sábado às 3 horas da tarde. Sábado cedo chegou uma Kombi do colégio Padre Machado com três padres barnabitas, colegas e amigos e mais três seminaristas, um deles o meu primeiro neto Fernando Negreiros de Paiva, filho da Bebé, o qual sua vó queria muito bem. Entre os padres estava o Padre Mário, que fora professor do Padre Zé, hoje muito seu amigo.

Eu em pé no terraço onde ela acostumava ver os enterros, vi o povo em procissão levando-a para a Igreja, a banda de musica tocando. Soube que na Igreja 8 padres e 4 seminaristas cantaram o "Tedeum". O Padre, seu filho, falou umas bonitas e resignadas palavras e finalizou dizendo:

- Nós festejamos os santos no dia de sua morte. Da Igreja rumaram para o cemitério, a banda acompanhou.

O escrivão que era seu sobrinho deu a guia para o enterro sem a certidão do médico. No cemitério, quando o coveiro riscou a cova, o Antonio Geovino que morava nos Florentinos, que tinha sido meu camarada, disse:

- A cova pra Sá Maria eu é que vou fazer.

Fez, e quando puseram a Maria na cova ele disse:

- Sá Maria, a Sra. foi muito boa para nós aqui na terra, continue por nós lá no céu.

Eu fiquei, não digo sozinho, porque ela me deixou 8 filhos, sendo 7 mulheres e o caçula com 28 anos, que é o Padre Arimathéia e mais 40 e tantos netos e 6 bisnetos. E duas filhas que morreram crianças, que são dois anjos que tenho no céu.

Agora, com a morte da minha esposa, aumentou a Turma do Zé: Padre Mário, Alaíde e Bebé. Eu ia também de vez em quando. Fiquei em Pouso Alto uns 15 dias com a Alaíde, pois tive muito dó dela, pois ela nunca se separou de sua mãe doente, por seis anos. Maria a chamava o dia todo, para tudo era a Alaíde. Sempre alegre e sorridente, contava tudo o que se passava ao redor de Pouso Alto.

2 - VERSÃO DA TIGRÓ:

MAIO DE 1965 - Última despedida da mamãe.

No dia 27 de maio de 1965 foi o último dia que eu conversei bastante com a mamãe. Ela perguntou-me dos negócios por aqui, de tudo e de todos.

- *Hoje é aniversário do Geraldo Lima, reza pra ele. Estou com tanta saudade dele, da Dorinha coitada, há quanto tempo que eu não vejo as minhas filhas que moram longe. Agora acho que vamos encontrar só no céu. Agora, o José vem se Deus quiser, o meu querido padre é que vai celebrar na intenção da minha alma com o corpo presente.*

Ela falou também que estava rezando bastante para o Niquinho, para Deus dar forças para ele aceitar com resignação a triste doença irremediável, câncer no estômago.

Ela disse-me:

- *Eu também, minha filha, já estou preparada para receber a sentença da morte. Na próxima sexta feira eu termino a novena do Sagrado Coração de Jesús e domingo eu termino de rezar os sete domingos de São José, que eu fiz na intenção de todos da família, de modo especial para as minhas filhas e meus netos. Eu tenho achado o seu pai meio tristonho, será que ele tem alguma coisa que o está aborrecendo? Ele continua fazendo negócios com o Pedro e o Otávio?*
- *Não mamãe, ele fez negócios com o Dotte. Foi uma tranqüilidade para todos nós. Ele é nosso amigo de verdade, leal, caridoso e concensioso.*
- *E você fez negócio do terreno, só para contentar o seu pai?*
- *Fiz a vontade do papai de livre e espontânea vontade.*

- *Fez muito bem, minha filha. Procura fazer tudo para agradar a seu pai. Ele merece e principalmente agora na velhice, que é o espelho da mocidade. Cada ruga que aparece no rosto é o sinal de uma provação. Seu pai anda muito preocupado com a Landinha. Bebê passou uns dias lá na Landinha e veio com muita pena dela, dizendo que onde ela mora é muito sem recurso e a Landinha com três crianças pequenas.*
- *Bom mamãe, eu já vou indo com a Zélia. Ela vai a São Lourenço no carro do Zé Nariz e eu vou aproveitar a carona. O Zé Nariz esta viúvo. Se ele não fosse tão feio, seria um bom partido.*
- *Uai, você já esqueceu o Chico?*
- *Eu já, mamãe, graças a Deus acordei em tempo.*
- *Ótimo minha filha, porque na minha falta, enquanto você e a Zuza viverem na companhia de seu pai, ele viverá feliz. As outras são casadas, mãe de família, tem lá suas preocupações. Se bem que Alaide e Bebê não descuidam de nós um só instante. Também elas já voltaram pra casa paterna. Viúvas são solteiras da Silva.*
- *Mamãe, esta semana nós fizemos a colheita de batata a meia com o Dotte lá no Cafundó. A lavoura tá uma beleza: cebola dá gosto de colher, fartura de milho, arroz, verduras, legumes, 4 capados gordos, muita galinha. Graças a Deus está tudo indo as mil maravilhas. Então mamãe, até a próxima, sua benção.*
- *Vai com Deus, Glorinha. Adeus, Deus te abençoe. Recomendações a todos lá. Dá um abraço na Zuza e no seu pai. Fala para ele vir.*

Enquanto conversava com a mamãe, tive de fazer grande esforço para sorrir, enquanto que a minha vontade era chorar. Achei que a mamãe estava muito doente. Não sei explicar o que senti com a santa resignação de minha mãe. O certo é que eu descí a escada sem ver os degraus e nem sei como cheguei aqui.

O tio Niquinho também está nas últimas. Ele também é muito resignado. Está que é pele e osso e atormentado com fortes dores. Até a próxima.

O Repouso em Deus:

No dia 11 de junho de 1.965 mamãe repousou em Deus. Parece-me que o mundo ficou vazio. Apoderou-se de mim uma profunda tristeza com o desaparecimento e morte de minha mãe. Mas não me desespero. Sinto-me confortada e consolada pelo testemunho de seus costumes, pela sinceridade de sua fé, tenho certeza que o céu se alegrou ao receber a santa alma de minha mãe.

Eu quando cheguei em Pouso Alto, às 9 horas da noite, porque o trem atrasou, eu não sabia que a mamãe tinha morrido. Recebi recado que ela estava muito mal. Mas da Praça Paiva, observei que algo diferente estava se passando. Lá em casa estava toda iluminada, enxerguei uma porção de pessoas. Era um entra e sai na nossa casa, enquanto que a casa da Isabel estava escura e fechada. Eu fiz uma parada, pus a mala no banco do jardim em frente a nossa casa. Então vi o papai chegar à janela, com a barba grande muito branca, esfregando as mãos trêmulas e às vezes alisava a barba, passando a mão no queixo até o peito por todo o comprimento de sua barba. Observei o papai por uns instantes e pensei: – Coitado do papai, está viúvo após quase 50 anos de bom viver ao lado de sua boa e santa esposa, separa-se para sempre aqui na terra.

Com passos vacilantes caminhei até o portão e no primeiro degrau da escada encontrei o Zé, o nosso Padre. Ele, sempre com arzinho de um santinho, alegrinho, abraçou-me dizendo:

- *Não chore Glorinha, mamãe foi para o céu. Eu cheguei uns minutos antes de sua morte. Tive tempo de dar-lhe os últimos sacramentos e assistir sua santa morte. Cerrei o olhos dela. Uma hora antes ela recebeu a santa comunhão pelas mãos do Frei Filóteo.*

Meio tonta, acabei de subir a escada e entrei na sala onde estava minha querida mãe falecida. Cheguei bem pertinho dela para acreditar que a minha mãe estava morta, mas eu fiquei extasiada, no mundo da lua, e não tive lágrima para chorar. Eu, lacrimosa como sou, mas pensei: – Mamãe está dormindo. Com um sorriso nos lábios e vestida igual a Nossa Senhora da Assunção, um manto azul e coberta de flores. Todo mundo levou flores para a mamãe. Até o prefeito da cidade levou um lindo buquê de rosas, orquídea, saúde e miosótis.

Fiquei ali por algum tempo pedindo coragem para chegar perto do papai. Foi o momento mais difícil. Atravessei a varanda sem conhecer as pessoas que estavam por ali e entrei no ex-aposento da mamãe. Tudo estava do mesmo jeito: a cama no mesmo lugar, o rádio na cabeceira, em cima um crucifixo, um montinho de livro de rezas, o velho paletó dela pendurado, o par de chinelos dela. Eu enxerguei a mamãe, quando estava na cama, eu chegava ela me estendia à mão e sorridente falava:

– “Como vai Sá Glória. Custou a aparecer”.

Agora, sinto um passageiro remorso por ter visitado tão pouco a bondosa mãe, mas logo desapareceu. Mamãe sempre soube dar o desconto nas faltas de suas filhas. Sempre era a mesma meiga, dócil e amável.

Nessa hora a Fatinha, netinha inseparável da mamãe, passou por mim e passou a mãozinha no rosto do papai, acariciou-lhe a barba e disse:

- *A Tigró chegou, mas a Tia Zuza não, nem mamãe, tia Terezinha e tia Dorinha vieram. Vô, o Sr. está viúvo.*

Papai empalideceu. Pôs a mão sobre a cabecinha da menina, com um amargo sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos, disse:

- *Pois é Fatinha, mas sua vovó me deixou 45 netos para me alegrar. Sua vó me ajudou 50 anos na vida. Agora, após sua santa morte, ela pode me ajudar muito mais.*

Eu tive vontade de voltar, mas papai me viu em pé na porta e me estendeu a mão. Eu me aproximei e peguei na mão dele, mas não pude dizer uma só palavra.

E ele disse:

- *Ontem, quando aqui cheguei, sua mãe já estava meio inconsciente. Ela me falou, segurando na minha mão: "Você fez bem em ter vindo hoje, meu velho!" Louvado seja Deus, minha filha. A morte serena e tranqüila de sua mãe me comoveu. Quem procura na vida acha na morte, pois a Paróquia aqui está sem padre e sua mãe teve a graça de morrer com um padre na cabeceira e o mais bonito, o padre é seu filho. Alaíde teve medo que o Padre Zé não viesse a tempo. Telefonou para o frei Filóteo, ele veio, sua mãe já estava sem falar e eu até chorei de ver a alegria de sua mãe ao receber a santa comunhão. Frei Filóteo perguntou se ela queria receber a comunhão, ela abriu a boca e engoliu. Logo depois o filho padre chegou e ela não falou nada, mas deu a entender que o conheceu. Ela fez um ar alegre, um sorriso e olhou para o filho quando pôs a vela na mão dela. Ela segurou a vela até o último suspiro. Louvado seja Deus, morrer assim vale a pena, eu até perdi o medo de morrer. Amanhã cedo você vai lá na casa do maestro e fala para ele vir aqui que eu quero falar com ele. Eu quero que a banda toque no funeral de sua mãe. O dia dos santos a gente comemora é o dia da morte. Sua mãe merece, é uma santa.*

Nesta hora eu fiquei como se tivesse despertado de um sonho e disse:

- *Banda, papai? Música não papai, é muito triste, a música desperta a saudade e aviva ainda mais a tristeza.*
- *A banda de Pouso Alto é a mesma que tocou na chegada do Zé na grande e esperada festa da missa do Padre Zé, e por isso mesmo que eu quero. A música minha filha, é para todos os efeitos, quer seja na alegria ou na tristeza. A música resplandece e penetra nos corações e nas almas humanas em qualquer circunstância da vida.*

Nisto o Sr. Maestro entrou no quarto para cumprimentar o papai. Eu ouvi um reboiçozinho na sala e pedi licença e sai do quarto. O reboiço foi a chegada da Terezinha, o Chiquinho e sua filhinha no braço. Coitada da Terezinha, amorosa como ela é, não é preciso descrever e nem eu sei mesma o que estava se passando com todas as filhas da mamãe.

Passei a noite toda ali perto da mamãe. Vi que não só os parentes, mas todas as pessoas da cidade vieram ver a mamãe. A noite toda chegava gente. No dia seguinte, sábado, chegou os Negreiros: tia Carmita, tio Zé Bartolomeu e as filhas, tio João, os filhos, filhas e noras do tio Niquinho. Só ele que não veio porque está doente, nas últimas. Tia Goica também está passando mal, mas os filhos todos vieram ver a mamãe. De madrugada chegou uma kombi cheia de padres e seminaristas, colegas do Zé, que vieram de Belo Horizonte. Viajaram a noite toda.

Vamos ao enterro. Às 4 horas saiu o caixão, levado em procissão. Uma grande multidão. Quando fomos atravessando a Praça Dr. Joaquim Bento a banda começou a tocar a marcha fúnebre. Olhei para frente, vi o Padre Zé firme, vestido com os paramentos fúnebres. Olhei para trás e meu coração espedaçou-se de ver o papai na janela do quarto dele e dela. Olhei para as minhas quatro irmãs Alaíde, Bebê, Terezinha e Zuza. Elas, coitadas, todas com cara de sexta-feira da paixão. Dorinha e Landinha não presentes eu não sei por que.

Só eu das filhas que não estava chorando. Eu já tenho vários apelidos por ser manhosa, até a mamãe me chamava de manteiga derretida, abóbora d'água, Maria lacrimosa. Só agora compreendo que as lágrimas consolam, ajudam a desaparecer uma grande dor, mas a perda de uma mãe, as lágrimas não resolvem nada.

Eu vendo tudo aquilo e pensando, enxergando a realidade, a fatalidade. Perdi a minha mãe. Não preciso dizer mais nada, porque todos sabem que com a falta da mãe, a casa fica vazia, o mundo fica vazio, a vida fica descontrolada. Eu, caminhando para a Igreja de Pouso Alto, a mesma que mamãe foi batizada e crismada, e que não media sacrifícios para ir assistir a santa missa aos domingos. A pouco tempo assistiu, radiante de alegria e emoção a primeira missa celebrada pelo seu filho padre. Será verdade que eu estou acompanhando o enterro de minha mãe? Sim, é verdade pura.

Chegamos à Igreja. O Padre Zé celebrou missa com o corpo presente. Após a missa houve uma cerimônia. Acho que foi o "Tedeum", dez padres e seminarista cantaram. Nunca eu tinha assistido uma cerimônia tão emocionante. Fez-me recordar a cerimônia das famosas semanas santas de Pouso Alto, que a gente via a Igreja repleta de gente, inclusive os Nogueiras, que quase todos os mais velhos já estão no céu.

E pensei: esta belíssima cerimônia representa a chegada da mamãe no céu e o encontro dela com todos os santos e seus parentes que lá no céu estão. Padre Zé encomendou a alma de Maria, sua mãe, para a Maria, mãe de Deus.

Sáímos para o adro da Igreja e a banda e os sinos tocaram. Eu lembrei um dia, numa quinta feira santa, a mamãe subindo a calçada para chegar no adro, com o Zé segurando no braço dela. Ele estava com apenas oito anos de idade. A mamãe cansou e parou no meio da escada para conversar com o tio Paulino, um velho de 80 anos, irmão da vovó Escolástica, que estava acompanhado do tio Joaquim Lucio, seu irmão.

Joaquim, muito caçoísta, brincou com a mamãe:

- *Você que é feliz, Maria. Tem o apoio do braço forte do Zé.*

Tio Paulino disse:

- *Pois olha Maria, esse seu menino ainda vai ser um padre. Eu estou velho e não chego até lá, mas vocês vão ver esse menino celebrar uma missa aqui na famosa Igreja de Pouso Alto.*

Eu, para dizer a verdade, vendo aquilo tudo, não sabia se ria ou se chorava. Parece que eu vi e ouvi a conversa do encontro da mamãe com o tio Joaquim e o tio Paulino lá no céu:

- *Não te falei Maria, que seu filho ia ser padre? E que grande homem é o Padre Zé, Maria! Que palavras maravilhosas ele pronunciou na hora da missa após o Evangelho.*

E o tio Joaquim acrescentou:

- *Não te falei Maria, que você tinha o braço forte do Zé para subir a montanha da vida? E como foi linda a sua despedida na terra. Quanto vale ser mãe de Padre. Imagine só mana, um enterro soleníssimo: quantos padres, “tedeum”, missa. Até nós aqui que gozamos o céu achamos bonito.*

Enxerguei a mamãe radiante de alegria dizer:

- *Obrigada meu Deus.*

Às 6 horas, tudo estava consumado. Lá em casa, o tio Vicente e uma filha ficaram fazendo companhia para o papai. A Aparecida pôs a casa em ordem e fez bastante café para todo o povo. Papai saiu do quarto para receber o povo, chamou-me e disse:

- *Você vai embora minha filha, a casa está por conta do Dirceu. Eu fico aqui até a missa de 7º dia. Preciso hospedar os padres. Não posso deixar a Alaíde por enquanto. Ela está muito abatida e cansada.*

Tia Carmita estava perto e me disse:

- *Vamos no carro do Zé Dotti, Glorinha. Tem lugar para nós e eu vou com você lá para a roça.*

Às 8 horas da noite aqui chegamos e eu fiz janta. Jantamos, rezamos o terço e fomos deitar. No silencio do meu quarto, a claridade da lua na fresta da janela, olhei para o quadro que nunca saía da cabeceira do papai com a mamãe, e daí então não pude conter as minhas lágrimas, que ofereço a minha mãe, para que ela me abençoe.

3 – Versão de José Arimathéia Negreiros, extraída do seu livro autobiográfico “Oh Felix Culpa” (Edições Achiamé – 1985):

No dia 11/06/65, quinta feira, recebi um telefonema de Pouso Alto. Minha irmã me dizia que a mamãe não passava bem e que eu desse um jeito de ir sábado. Com a Arlete, da TV canal 12, estávamos ensaiando a turma do Cursinho de Alfabetização para a Festa Junina. Tive um pressentimento: partirei amanhã mesmo, no ônibus Belo Horizonte – São Lourenço.

Hoje, mais ou menos às 19 horas, desci na federal ao lado do bar do Ivo. Vim de carona de São Lourenço com o Russano. De “clergyman”, mala na mão, encaminhei-me pela rua do lago. Antes de chegar na ponte, três sobrinhos vieram me encontrar. Cada um expressa de jeito suas emoções. A criança é totalmente diferente. Rindo desconexamente e pulando, Maria José disse-me:

- A vovó morreu ... hoje fui tomar a benção dela e ela não respondeu.
- Mas morreu, hein! Você estaria rindo assim? – disse sem pensar muito.

Entrei, e logo no topo da escada, encontrei o papai. Ele, com sua tranqüilidade de sempre, apenas disse:

- Sua mãe está mal.

Da porta da cozinha, minha irmã mais velha veio chorando:

- Tenho um sentimento ... Ela não vai te reconhecer mais.

Entrei no quarto, saudei apenas com os olhos os presentes e sentei-me ao lado da mamãe que jazia no leito, já inconsciente. Talvez nem mais me tenha reconhecido. Falei-lhe, toquei-lhe no rosto, pus-me diante de seus olhos. Talvez me visse, mas nada mais falou. O frei de São Lourenço trouxe-lhe os sacramentos.

Aos poucos, sua respiração foi ficando cada vez mais difícil. Via-se que agonizava. As minhas irmãs choravam, mas tranqüilas, e com elas todos os presentes. O seu corpo sofria o arrancamento da vida. Às 18:30 horas, todos os presentes notaram, o seu rosto se iluminou, voltou à sua calma, e os seus lábios esboçaram um sorriso.

Foi o seu ultimo adeus. Cerrei seus olhos. Foi a primeira pessoa cuja morte acompanhei. Rezamos um salmo. Às vezes quase não consegui falar. Senti um grande nó na garganta. Sentei-me ao seu lado. A sua face ainda tinha calor. Tomei suas mãos. Em se tratando de minha mãe, até a morte me parecia diferente. Olhei para o pé da cama. Ali costumava sentar-me e ficávamos batendo papo. Às vezes, não resistia ao sono e dormia atravessado aos seus pés. Olhei para a janela. Quantas vezes ficávamos olhando, nos dias de chuva, as gotas d’água apostando corrida nos fios... Ela agora jazia ali ao meu lado, já quase fria. Não mais podia falar. Nunca mais veria o seu olhar tranqüilo. Mas, para ela, a morte me parecia diferente.

Com a certeza mais absoluta deste mundo, sentia que ela não morreria. Sentia que ela não mais sofria os efeitos que nos sofremos, no tempo e no espaço, inclusive a ausência e o vazio por ela deixados. Sabia com a certeza mais absoluta deste mundo, que ela acreditou em Cristo até as últimas conseqüências, e quem acredita em Cristo jamais verá a morte.

Durante a noite, o seu corpo ficou na sala. Continuamente chegavam e saíam visitas. A serenidade dominava o ambiente e as fisionomias. Até nisso, a sua morte foi uma morte diferente para mim. Não era o corpo de alguém desconhecido e envolto em mistério: era o corpo de minha mãe, último elo de sua presença física, mas também o símbolo silencioso e diáfano da sua presença eterna, livre do tempo e do espaço.

Às 16 horas, o caixão foi fechado e o cortejo saiu em direção à igreja. Eu seguia passo a passo logo atrás. Papai quis que a banda tocasse. Essa sempre marcava os momentos mais importantes de suas vidas. Ele não quis acompanhar o cortejo, preferindo ficar em casa, na janela donde se descortinava todo o trajeto. Para ele deve ter sido bem mais triste.

Há três anos atrás eu fizera o mesmo caminho, fazendo parte de um outro cortejo. Nessa mesma subida para a matriz sentira a maior emoção. Naquele dia a banda tocava nostálgica, mas alegre. Hoje ela tocou a marcha fúnebre. Não agüentei mais e deixei as lágrimas correrem livremente.

Entrando na igreja fui logo aparamentar-me para a missa de corpo presente. A três passos do altar estava o seu corpo. Era a Pedra d'Ara sobre a qual o "seu" Padre consumava o sacrifício de sua vida. Jamais achei a liturgia do Réquiem tão real e tão maravilhosa. A igreja estava repleta. Temia, no início, que a voz me falhasse e ficasse embargada. Mas, a realidade da Missa de réquiem me dominou. Na homilia, falei com toda a convicção:

"A igreja, na sua Liturgia, comemora a festa dos seus Santos no dia em que eles morreram. Nós cristãos não temos o direito de chorarmos a morte de quem acreditou em Cristo. A nossa natureza sente a ausência do ente querido, mas a nossa fé em Cristo nos enche de alegria e certeza absolutas de que minha Mãe não morreu, mas para ela inicia-se hoje a sua Verdadeira Vida. Esta Vida única que pode dar sentido à nossa peregrinação neste mundo."

Ao final da missa, procedi a Encomendação. Cinco Padres cantaram o "Libera-me". No cemitério, quando as primeiras terras esboroavam sobre o seu esquife, sobre ele eu tracei sua última benção. Foi este o meu grande adeus. Se todo adeus trás uma esperança, este meu trouxe também uma certeza: o peso de uma ausência que jamais será preenchida e a alegria de uma presença que jamais me abandonará.

Voltando para casa, fui ao encontro do papai no quarto, enxugando as lágrimas dos olhos, e tendo nas mãos o estojo de Roma.

- Essa caixinha só parece com ela... e essa musiquinha com lágrimas...

Foi sempre o grande homem, com sua fé profunda, embora não convencional.

- Foi uma morte bonita. Sua mãe morreu como viveu: tranqüila. Viu os filhos todos criados, felizes e esperou o filho Padre. Até eu perdi o medo de morrer...

